



BOLETIM INFORMATIVO DO LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA

Universidade Estadual de Londrina - Departamento de História

Ano 2 - Nº 08 - dezembro/1996

APRESENTAÇÃO

O ano de 1996 está no final. Hora de balanço. Foram muitas as atividades do LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA durante o ano que julgamos bem sucedidas. Realizamos o I Simpósio do Laboratório; publicamos o volume 02 da Revista HISTÓRIA & ENSINO; confeccionamos uma nova coleção de cartazes didáticos (Roma Antiga); imprimos e distribuimos 04 edições deste Boletim; os professores do Laboratório estiveram em inúmeros lugares no Paraná e em outros Estados dando palestras e cursos; etc.

Entretanto algumas coisas ficaram pendentes. Não conseguimos, ainda, intervir mais concretamente nos projetos de capacitação promovidos pelo Governo do Estado, onde, poderíamos contribuir com a nossa experiência acumulada. Também não conseguimos o contato direto com o professor que desejamos. O professor ainda encontra-se fisicamente distante do Laboratório.

Para o ano de 1997 programamos uma série de atividades e realizações. Já está no forno o número 03 da Revista HISTÓRIA & ENSINO, que deve ser editada até o final do primeiro semestre. Também uma nova coleção de cartazes sobre a América está pronta para ser impressa. Está programado o II Simpósio do Laboratório e esperamos desta vez conseguir a liberação dos professores. Muitas outras propostas estão sendo estudadas e contamos receber também a sua.

A equipe de professores e os estagiários do Laboratório de Ensino de História desejam a todos os colegas um bom final de ano, boas férias e que 1997 seja um ano de realizações profissionais e pessoais.



PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Está em fase final de elaboração pelo MEC, Parâmetros Nacionais Curriculares, diretrizes gerais que servirão de subsídios para que os Estados e municípios elaborem seus currículos para o Ensino Fundamental.

O presente documento elaborado pelo MEC, é um conjunto formado pelas disciplinas que compõe a estrutura do ensino fundamental, Português, Matemática, Ciências, Conhecimentos Históricos e Geográficos e Educação Física. Enquanto inovação foram criados os temas transversais e a disciplina Ética e Pluralidade Cultural. Os parâmetros nacionais curriculares, segundo o MEC, serão sugestões não obrigatórias, e até o momento estão sendo elaborados parâmetros de 1ª a 4ª série. O MEC optou por enviar os parâmetros para pareceres individuais e para instituições de ensino superior, além dos núcleos de Educação espalhados por todo o país.

O documento da área de Conhecimentos Históricos e Geográficos foi elaborado pelas professoras Aloma Carvalho, Antônia Terra, Cláudia Rosenberg Aratangi e Maria Cristina G. Ribeiro Pereira, tendo como assessoras as professoras Circe Bittencourt (História) e Sueli Ângelo Furlan (Geografia).

Em uma reunião realizada em Brasília nos dias 11 e 12 de novembro, com as associações ANPUH (Associação Nacional de História) e AGB (Associação de Geógrafos Brasileiros) os parâmetros nacionais de geografia e História foram amplamente discutidos.

Algumas considerações foram levantadas:

1 - A complexidade apresentada pelo documento exigiria um professor específico das áreas de História e Geografia e não um professor polivalente.

2 - As diferenças regionais, sociais e econômicas são contempladas pelo documento.

3 - A estrutura formal do documento faz dele um guia curricular com conteúdos, metodologia e avaliação, não configurando-se como parâmetros gerais.

4 - Sem a valorização profissional do professor (formação e salário) é impossível pensar-se na implementação dos Parâmetros.

5 - Os professores de 1ª a 4ª série, aplicadores efetivos dos PCNS, precisam ser amplamente consultados.

Finalizando, é necessário maior discussão, aprofundamento de mudanças como por exemplo, a substituição das séries por ciclos bianuais, avaliação continuada e outras.

Esperamos no próximo ano realizar debates sobre o assunto, convidando entidades como a ANPUH e AGB, assim como a Secretaria Municipal de Educação, Núcleo Regional de Educação e Departamento de História e Geografia, levando-se em consideração que os Parâmetros Nacionais Curriculares serão elaborados para todo o ensino fundamental de 1ª a 8ª série, ou 1ª a 11ª série, como sugerem os parâmetros.

Profª Marlene Cainelli



PAINÉIS DIDÁTICOS: UM BALANÇO

Após a confecção de mais um conjunto de painéis didáticos da coleção "A História não é uma Rua de Mão Única", sobre Roma Antiga, foram realizadas várias apresentações em Congressos. No total foram seis eventos: Congresso Internacional de História Antiga e Medieval do Cone Sul, (em Porto Alegre); Encontros Regionais da ANPUH, do Paraná (realizado na Estadual de Ponta Grossa) e de São Paulo (realizado na UNESP de Assis); I Simpósio do Laboratório de Ensino de História da UEL; XII Semana de História da UNESP de Franca e na Semana Cultural da FUNEPE - Fundação Educacional de Penápolis.

Além dessas, a convite de duas Delegacias de Ensino do Estado de São Paulo (Paraguaçu Paulista e Penápolis), os painéis foram alvo de discussão por parte de professores da Rede Pública de Ensino, com a participação dos elaboradores da referida coleção. Cabe, neste sentido, retomar alguns aspectos destas apresentações e fazer um balanço sobre os questionamentos que, de forma geral, em todos os eventos apareceram, especialmente no que se refere às concepções teóricas que embasam algumas das práticas dos professores. Pelo menos duas concepções teóricas podem ser apreendidas através dos questionamentos de uma parte dos professores: a positivista e a marxista.

Em várias das apresentações foi comum a indagação sobre como inserir tais perspectivas analíticas a partir do uso dos painéis e como manter os alunos com a atenção necessária às aulas. É sobre essas práticas que nos deteremos.

Em primeiro lugar, nenhuma teoria resolverá o problema disciplinar em sala de aula se a postura do professor não se alterar: não adiantará assumir essa ou aquela teoria histórica se a relação de poder estabelecida entre professor-aluno, transformar o último em agente passivo do conhecimento (neste caso, se o problema é manter o aluno em estado de quietude frente ao que lhe é transmitido talvez cordas e mordaças sejam mais indicadas e eficazes que materiais didáticos ou correntes humanistas do pensamento histórico). Em segundo lugar, permanece o **mito** de que apenas os conceitos, personagens, fatos e datas, podem dar uma explicação da experiência histórica dos homens. Caberia aos professores, de todos os níveis, entrarem em contato com professores de outras disciplinas (Educação Artística, Língua Portuguesa, Geografia, etc) na tentativa de criar núcleos de estudos interdisciplinares nos quais pudessem trocar conhecimentos e experiências sobre suas disciplinas. Tal prática possibilitaria, por exemplo, um redimensionamento do entendimento da produção artística popular e seu caráter diferenciado, tanto em nível de linguagem como a nível estético. Não se trata de abandonar convicções históricas ou ideológicas, nem de relegar o marxismo e os fatos

históricos ao "lixo da História" mas, antes de mais nada, reconhecer que estes não são suficientes para abordar a totalidade da experiência Histórica dos Homens.

Muitos de nossos mestres na Universidade, nos ensinaram a perceber a realidade como historicamente construída: talvez tenhamos que aprender novos olhares sobre esta realidade, como nos inserimos nela e como a interpretamos. Se nossa preocupação é com a formação de nossos alunos, os grandes lemas como "participação e cidadania" serão palavras sem sentido, visto estas não existirem como uma prática no local de onde parte este discurso. Continuaremos a colocar a culpa na realidade justamente por não conseguirmos dar uma explicação que não seja simplista e mecânica, visto basearem-se no ocultamento de nossas dificuldades e de nossas convicções ideológicas, bem como no medo de estarmos enganados sobre estas.

Profº Claudiomar dos Reis Gonçalves



NOVAS LINGUAGENS

O FILME COMO RECURSO DIDÁTICO - ALGUMAS SUGESTÕES DE USO

É consenso entre os professores a prática da utilização de filmes paralelamente ao desenvolvimento de conteúdos em história, no primeiro ou segundo graus.

Porém, a difusão desta prática nem sempre é totalmente explorada pelo professor, seja pela duração do filme, seja pelos recursos audiovisuais deficitários nas escolas ou mesmo, acesso às fitas em tempo compatível com o uso em sala de aula.

Considerando estes aspectos e principalmente outras formas possíveis de se trabalhar com vídeo, elencamos alguns itens para que o professor possa refletir e aprimorar o uso de filmes enquanto recurso didático:

1º - Lembre que um filme (qualquer que seja o gênero e mesmo os documentários) na verdade é o **olhar** do diretor sobre determinado tema. Conhecer as características do diretor (suas tendências, como aborda visualmente a cenas), o contexto da produção do filme (principalmente **quem** e **porque** financiou tal filme) são importantes pontos para refletir sobre as idéias/imagens implícitas/explicitas veiculadas na fita. Exemplos: o filme "*Independência ou morte*" foi financiado pela Embrafilme no início dos anos 70 com o propósito de legitimar o nacionalismo ufanista colocado pelo golpe de 64. Outro filme muito utilizado, principalmente para o tema Revolução Francesa, "*Danton, o processo de uma revolução*" de A. Wasdja, na verdade é um olhar crítico do diretor à Polônia dos anos 80, transposta na fala e ação dos personagens de Danton e Robespierre.

2º - Elabore um roteiro mínimo para os alunos. Relacione: título, diretor, ano e país produtor e se possível, faça uma síntese do filme a ser visto.

3º - Um roteiro de análise preparado com antecedência e colocado antes da exibição é interessante, pois com relatórios gerais, você corre o risco dos alunos dispersarem e desperdiçarem pontos-chaves para relacionarem com o conteúdo trabalhado. Este roteiro serve também, para você professor refletir: quais as relações possíveis de serem trabalhadas? o que chamarei atenção para este filme que irá enriquecer minhas aulas (o cenário, o figurino, determinados diálogos ou situações)? será melhor aproveitado como introdução ou conclusão de tema?

4º - "Recorte" o filme a ser utilizado. Se este for muito longo, opte por documentários mais curtos ou selecione os trechos que mais lhe interesse. Como? Anotando as cenas e as indicações de pausa (minutagem) com antecedência, ou gravando os trechos em outra fita(o que reconhecemos exija mais trabalho).

5º - Promova debates sobre o filme utilizando os roteiros de análise ou não. Assim você estará chamando a atenção para outros olhares em relação à indústria e cultura audiovisual como também, aprendendo com os novos olhares de seus alunos.

6º - Respeite o nível de entendimento, apreensão e maturidade de seus alunos. É difícil discutir, por exemplo, com os alunos de uma 5ª série o filme *“Encouraçado Potequim”* de Eisenstein.

7º - Considere que o filme possui sua própria linguagem e uma magia que atinge a todos os espectadores, não importando a idade. Portanto, vale utilizar desde os filmes de Walt Disney (como *“Bela e a Fera”* para discutir os padrões estéticos impostos) até os faroestes italianos (quais são os “heróis” e “bandidos”? por quem o são? como são estereotipados?) e mesmo comédias (a ironia permanece - vide Chaplin - como um instrumento eficaz de crítica e reflexão à sociedade).

Estas sugestões ocorreram a partir de uma conversa com a professora Márcia Vieira (I.E.E.L.) ao comentar os problemas decorrentes com o uso de filmes em sala de aula e a sua devida adequação nas várias séries. Espero que possa auxiliar também o trabalho de outros professores.

Profª Ana Heloísa Molina



COMO TRABALHAR COM HISTÓRIA AMBIENTAL

Este texto tem como objetivo apresentar algumas estratégias para o professor trabalhar com a história ambiental em suas atividades de magistério.

Inicialmente consideramos necessário realizar algumas rápidas considerações sobre o surgimento da história ambiental. A disciplina História nos séculos XIX e XX interessava-se prioritariamente sobre o campo da política, principalmente daquela praticada pelo Estado Nacional.

Essa história, a que emergiu com o surgimento dos Estados nacionais, e que conseguiu ampla aceitação, no entanto sofrerá influências modificadoras com o aparecimento dos dilemas contemporâneos ligados ao mundo globalizado e a pesquisa em várias áreas científicas referendando-se se, as certezas anteriormente constituídas, não eram tão exatas.

Assim na física, na química e também na área de história contestam as propaladas certezas científicas.

A história ambiental com o esforço de tornar a disciplina da história, muito mais inclusiva do que até neste momento tinha sido, tendo origem nos anos setenta com as conferências sobre a crise global e o surgimento dos movimentos ambientalistas, ocorre a idéia de uma história ambiental. Não se exclui por exemplo, o trabalho de Braudel- **O Mediterrâneo...**, que pode ser também entendido como uma eco-história ou, por exemplo, quando uma edição especial dedicada a História Ambiental é publicada na famosa revista *Annales* em 1974. Nos dias de hoje esta preocupação vem tomando corpo e conseguindo maior número de historiadores dispostos a reconhecer a importância deste tipo de abordagem.

Com estas informações iniciais podemos agora sugerir alguns exemplos de atividades práticas que poderiam ser executadas pelo professor de história:

1) A paisagem ou o ambiente que nos envolve é evidência ímpar de elementos materiais, animados ou inanimados, que foram em sua maior parte selecionados para nos servirem segundo nossos interesses.

Carteiras, mesas, lâmpadas, tacos, portas, vidros são mercadorias produzidas em nossa sociedade segundo uma estratégia capitalista industrial: são portanto, na expressão da dialética, não-árvores, não-areia, não-cobre. Coloca-se o prefixo **não** a estes elementos considerados “naturais”, porque na atividade humana realizada pelo trabalho eles foram transformados.

Assim, podemos reconhecer que tudo nos envolve, enquanto artefato, foi produzido pela atividade humana; esta se diferencia no tempo e no espaço. Também é importante reconhecermos, que os elementos que por nós ainda não foram “substancialmente” alterados, rios, montanhas, vales, florestas, são pela sociedade reconhecidos como possuidores de maior ou menor valor, de acordo com os interesses em vigor. Estes elementos tornaram-se, portanto, relação econômica e social.

Podemos realizar uma atividade que se proponha a analisar como diferentes sociedades percebem seus

elementos “naturais” e porque, e de que forma elas os transformam? Porque selecionamos alguns animais para comer, alguns vegetais para plantar ou para adorar, e outros destes seres vivos nós os repelimos e os consideramos inúteis?

Quando construímos em nosso ambiente erguendo cidades, rodovias, escolas, casas nós agimos assim para atender nossos interesses. Quais são nossos interesses? Como eles são construídos e o que eles provocam em nós e no ambiente?

Profº Jozimar Paes de Almeida

DIREITOS HUMANOS E HISTÓRIA

Talvez em nenhum momento da história a questão dos Direitos Humanos esteja sendo tão discutida como nos dias atuais. Isto ocorre porque a noção de direitos representou o surgimento de algo novo no campo da política. Segundo Claude Lefort (...) *acontecimento sem precedente constituído pelo desintrincamento do poder e do direito. É pois todo um outro modo de exterioridade do poder que se instaura a partir do momento que não há mais ancoradouro para o direito. (...) Um novo ancoradouro é fixado: o homem. E fixado, além disso, e virtude de uma constituição escrita: o direito encontra-se categoricamente estabelecido na natureza do homem, uma natureza presente em cada indivíduo*”. Construção política, a noção de direitos não existe sem uma consciência dos direitos e termina por engendrar um **poder social**. Diferentemente do Estado de Direito, o Estado Democrático tem seu conteúdo definido pela noção de Direitos Humanos, que para além do que está estabelecido nas leis, é capaz de engendrar novos direitos. Este parece ser o significado mais fecundo das lutas sociais dos séculos XIX e XX: se a Independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa consagraram os direitos civis e políticos, os movimentos operários e socialistas definiram os direitos econômicos e sociais (habitação, trabalho,

saúde, educação, etc) e engendraram novos direitos, como por exemplo, direito de todos a um ambiente saudável, etc. O que importa ressaltar é que as transformações sociais mais importantes do mundo contemporâneo ocorreram a partir das lutas feitas em nome dos direitos contra discriminações de qualquer tipo; contra as opressões de qualquer natureza. Lutas cujo conteúdo não se esgotou em nossos dias. Apenas adquiriram uma dimensão global.

Prof.º José Miguel Arias Neto



MÚSICA E MULHER

Que significado tem nos dias de hoje o estudo da condição feminina no ensino de história ou qualquer outra disciplina do 1º e de 2º graus? Talvez muito mais do que se pensa, se avaliarmos que grande parte das cartilhas e de livros destinados à leitura, veiculam imagens consagradas que definem papéis a meninas e meninos: meninas brincam de casinha e bonecas, são frágeis e meigas, meninos brincam de bola e são fortes e destemidos. Sem dizer que mamãe continua sendo a “rainha do lar” e o papai é quem trabalha fora. Será que estou enganada? Infelizmente, penso que não.

Uma das muitas facetas da condição feminina, mas que ainda é pouco abordada em sala de aula, é a prostituição. E que agora já não diz respeito só à mulher adulta, pois cresce assustadoramente a prostituição infantil, que acaba resultando em tráfico de crianças e de mulheres, tão alardeado na mídia ultimamente.

Pensando nessas questões proponho como possibilidade de trabalho a análise de uma música de Chico Buarque, que na época em que foi lançada, 1979, causou grande escândalo. Espero que atualmente se possa ouvi-la sem preconceitos hipócritas. Através da música *Geni e o Zepelin*, acredito ser possível trabalhar o tema da prostituição

e a hipocrisia da sociedade diante dela. Em tempos de AIDS, o tema é atualíssimo. Aproveitem!

GENI E O ZEPELIN
(Chico Buarque)

*De tudo que é nego torto
Do mangue, do cais do porto
Ela já foi namorada.
O seu corpo é dos errante,
dos cegos, dos retirantes.
É de quem não tem mais nada.*

*Dá-se assim desde menina
na garagem, na cantina,
atrás do tanque, no mato.
É a rainha dos detentos,
das loucas, dos lazarentos,
dos moleques de internato.
E também vai amiúde
com os velhinhos sem saúde,
e as viúvas sem porvir.*

*Ela é um poço de bondade,
e é por isso que a cidade
vive sempre a repetir:*

*Joga pedra na Geni!
Joga pedra na Geni!
Ela é feita pra apanhar
ela é boa de cuspir.
Ela dá pra qualquer um.
Maldita Geni.*

*Um dia surgiu brilhante,
entre as nuvens flutuantes,
um enorme Zepelim.
Pairou sobre os edifícios
abriu dois mil orifícios
com dois mil canhões, assim .*

*A cidade apavorada
se quedou paralisada,
pronta pra virar geléia*

*Mas do Zepelim gigante,
desceu seu comandante
dizendo: mudei de idéia.
Quando vi nesta cidade,
tanto horror e iniquidade
Resolvi tudo explodir!
Mas posso evitar o drama
se aquela formosa dama
esta noite me servir.*

*Essa dama é a Geni!
Mas não pode ser Geni!
Ela é feita pra apanhar,
ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um.
Maldita Geni!*

*Mas de fato logo ela,
tão coitada, tão singela,
cativara o forasteiro.
O guerreiro tão vistoso,
tão temido e poderoso.
Era dela prisioneiro.*

*Acontece que a donzela,
isto era segredo dela,
também tinha seus caprichos.
E a deitar com homem tão nobre,
tão cheirando a brilhar cobre
preferia amar o bichos.*

*Ao ouvir tal heresia,
a cidade em romaria
foi beijar a sua mão.
O prefeito de joelho,
o bispo de olhos vermelhos
e o banqueiro com um milhão.*

*Vá com ele, vá Geni!
Vá com ele, vá Geni!
Você pode nos salvar,
você vai nos redimir,
você dá pra qualquer um.
Bendita Geni!*

*Foram tantos os pedidos,
tão sinceros, tão sentidos,
que ela dominou seu asco.
Nesta noite lancinante,
entregou-se a tal amante
como quem dá-se ao carrasco.*

*Ele fez tanta sujeira,
lambuzou-se a noite inteira,
até ficar saciado.
E nem bem amanhecia.
Partiu numa nuvem fria
com seu Zepelin prateado.*

*Num suspiro aliviado,
ela se virou de lado
e tentou até sorrir.
Mas logo raiou o dia
e a cidade em cantoria,
não deixou ela dormir.*

*Joga pedra na Geni,
Joga bosta na Geni.
Ela é feita pra apanhar
bis
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
maldita Geni.*

Profª Maria de Fátima Cunha



ENSINO DE HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

A partir dos estudos de PIAGET, de EMILIA FERREIRO e ANA TEBEROSKI, pode-se afirmar que o desenvolvimento cognitivo dos estudantes não ocorre por simples exposição a modelos, mas depende dos esquemas de pensamento de que eles dispõem. Para que a aprendizagem se efetive, o aluno deve desenvolver um conjunto de habilidades

que lhe permita saber, saber fazer, e explicar o que faz.

Ora, esse conjunto de habilidades necessárias à construção do conhecimento tem componentes lógicos, afetivos, perceptivo-motores, sociais e culturais, que são indissociáveis. Porque interferem não somente o contexto sócio-cultural, mas também o corpo, a inteligência, a afetividade. Como afirma GROSSI(1993), "A matéria-prima da lógica são as percepções, os movimentos, as palavras e os afetos". É por isso que no processo de ensino-aprendizagem é fundamental a motivação, o desejo de aprender, o prazer de aprender.

Segundo Marta Khol de OLIVEIRA, dominar conteúdos não equivale, necessariamente, a saber controlar a própria educação intelectual. É comum, nas salas de aula, encontrar alunos que apresentam bom domínio de conteúdos sem saber estabelecer relações necessárias, resolver problemas, fundamentar suas afirmações, etc.

Para controlar a própria produção cognitiva é importante não só a capacidade de seguir intrusões, mas também a "capacidade de auto-instruir-se, ou seja, de elaborar e seguir seqüências de ação dirigidas por planos, projetos e intenções (...) a consciência do sujeito a respeito de seus processos de pensamento, a qual lhe permite descrever e explicar esses processos a outras pessoas... busca intencional de estratégias adequadas a cada tarefa específica a partir da consciência de que há diversas regras e princípios a serem utilizados na solução do problemas".

A atuação do professor tem o objetivo explícito de estimular o desenvolvimento do estudante, já que o aprendizado na escola desperta processos internos que de outra forma dificilmente ocorreriam. Esta intervenção não tem acesso a determinadas conquistas culturais da sociedade, o que pode gerar coseqüências para o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos, conforme discute OLIVEIRA.

Profª Regina Célia Alegro



A ARTE COMO HISTÓRIA

Assim como filmes, músicas e teatros são instrumentos de dinamização do ensino de história, a pintura também pode ser explorada como documento histórico baseados em dados explícitos ou implícitos, pois num primeiro momento qualquer obra de arte contém elementos que podem ser contextualizados com o seu tempo. No entanto para sua perpetuação pelo tempo, é necessário que as impressões do artista sejam consistente e significativas, ou melhor, ele deve estar sintonizado com o inconsciente coletivo da época. A permanência e o interesse pelo estudo da produção artística contextualizada com a cultura ou com a época, permanecem por esta produção artística conter esses quesitos, e é por isso que a análise tem que estar atenta a todos os dados possíveis que se pode extrair de tal obra e capacitada para entendê-la como objeto de estudo.

Entendimento, esse que não deve se limitar apenas ao tema, mas também às técnicas usadas pelo artista, as formas de expressão e aos dados sobre o autor.

Para melhor se compreender essas questões, citaremos os artistas renascentistas e suas obras por atuarem em um período onde as mudanças sócio-culturais estão claras e as diferenciações são observadas mais facilmente em relação ao período anterior, o que não significa que a transição da produção cultural do medievo para a modernidade, como em qualquer movimento histórico ou época, tenha ocorrido abruptamente.

As características marcantes das obras renascentistas (humanismo, racionalismo, naturalismo, classicismo e individualismo) são consequências dos desejos e das transformações de uma classe social que se constituía no período. Verifica-se uma valorização da realidade e do homem, que é retratado em formas fundamentadas em profundos estudos anatômicos, técnica utilizada principalmente por Leonardo da Vinci, o que é percebida na expressão facial da *'Mona Lisa'* ou *"La Gioconda"*..

Já o racionalismo das pinturas na época não está totalmente desvinculado dos temas religiosos, uma constante nas obras renascentistas. No entanto o enfoque é outro. As personagens bíblicas são retratadas com contornos e expressões humanas, suas vestes se adequam à época em que viveram e não mais ao costume do momento. Essas questões podem ser verificadas no afresco do *"teto da Capela Sistina"* obra magistralmente realizada por Michelângelo Buonarroti.

A busca aos ideais estéticos clássicos está muito presente. Em outro afresco, *"A Escola de Atenas"*, de Rafael Sanzio pintado, numa sala reservada à biblioteca ao lado da Capela Sistina, foram retratados filósofos do mundo antigo grego. Já Sandro Botticelli, em o *"Nascimento de Vênus"*, usa como tema os mitos pagãos, obra considerada como a primeira a abordar esse tema. As construções presentes nas pinturas lembram as antigas cidades-estado.

Características essas que estão em sintonia com as transformações da época: a classe burguesa estava se consolidando e a Renascença seria uma síntese de seus ideais. O naturalismo e o saudosismo em relação à natureza é próprio dessa classe, afastada de seu antigo *habitat*, o campo, que não faz mais parte de seu cotidiano. Esse saudosismo pode ser verificado no quadro *"A tempestade"* de Giorgione.

O exemplo - a pintura renascentista - é apenas um dos elementos que podem ser utilizados no ensino de História, outras expressões artísticas podem e devem ser exploradas. É claro, não só a Renascença pode ser abordada sob este aspecto, mas qualquer período que possua uma produção artístico-cultural, que possua significados próprios da época em foram produzidos.

Estagiários Samir Demetrius Silva
e Marilyn Beloni Laureano



FIQUE POR DENTRO

RESENHA

MORAIS, Fernando. **Chatô: o Rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

Poucas biografias podem ser tão estimulantes para a compreensão do Brasil contemporâneo quanto a de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, primorosamente apresentada por Fernando de Moraes em *Chatô: o Rei do Brasil*. Poderoso e controverso, Chateaubriand esteve, como protagonista ou coadjuvante, em praticamente todos os episódios da vida política e social brasileira, despertando com a mesma facilidade admirações incondicionais e ódios eternos. Foi forjador e/ou destruidor de reputações e carreiras públicas, empreendedor de um império de comunicações moderno e profissionalizado (jornais e estações de rádio e televisão), criador do Museu de Arte de São Paulo, incansável articulador nos bastidores da política, caloteiro incorrigível. A trajetória de sua vida pública e privada não deixa por menos: mergulhar em sua biografia significa adentrar em um Brasil que muitos conceitos sociológicos e historiográficos insistem em desprezar.

No Brasil de Chateaubriand, o acesso aos canais do poder possui uma dimensão que ultrapassa as dicotomias “classes dominantes versus classes dominadas”. O poder pode ser familiar, patrimonial, regional, nacional, internacional, muitas vezes tudo isso ao mesmo tempo. Nessa superposição das esferas públicas e privadas (cujo estudo lapidar ainda é “Homens Livres na Ordem Escravocrata”, de Maria Sylvia de Carvalho Franco), o homem de *virtu* (aquele que, segundo Maquiavel, conhecendo as circunstâncias, é capaz de colocá-las à sua vontade) revela-se no saber tecer tanto as políticas do favor, do compadrio quanto as da defesa “da modernidade e do progresso”, no saber tecer a cooptação e a conciliação com a mesma habilidade com que patrocinava episódios de gangsterismo político com inimigos e adversários. Talvez a frase

mais paradigmática dessa prática seja aquela que proferiu a alguns amigos, quando começa sua ascensão no cenário político e cultural brasileiro: “Para um moço pobre que chega da roça aqui no Rio de Janeiro, o capital mais importante que ele tem que levantar são as relações com gente influente. Se conseguir isso, depois é só colocar essas relações para render juros. Daí em diante a vida se encarrega da minha sorte (p.88)”.

Chateaubriand soube ler, como poucos, os sinais de como se exercitava o poder político e econômico no Brasil. A leitura de sua biografia é uma excelente introdução ao estudo “dos que mandam”, dos “donos do poder” do Brasil deste século.

P. S.: No tempo de Chateaubriand, não se obtinha concessões de estações de rádio e televisão em troca de votos para extensão de mandatos ou reeleições presidenciais...

Profº Francisco César Alves Ferraz



VENDE-SE LIVROS

A ANPUH-PR publicou neste ano o primeiro volume da coletânea CULTURA & CIDADANIA. Trata-se de um livro com diversos artigos temáticos sobre a universidade, as cidades, cultura, poder, medicina, história regional, trabalhadores, polícia, etc. No total o volume conta com 21 textos e mais de 300 páginas. Para adquiri-lo basta enviar cheque nominal à ANPUH-PR, no valor de **apenas R\$ 10,00** para:

ANPUH-PR- UEL- Departamento de História,
Campus Universitário, cx.postal 6001-Londrina-PR,
cep: 86051-970

)

**LABORATÓRIO DE ENSINO DE
HISTÓRIA**

Ana Heloisa Molina
Claudiomar dos Reis Gonçalves
Francisco César Ferraz
Gilmar Arruda
José Miguel Arias Neto
Jozimar Paes de Almeida
Maria de Fátima Cunha
Mariana J. Carvalho Almeida
Marlene R. Cainelli
Regina Célia Alegro
William Reis Meirelles



043-371-4186

FAX

043-371-4408



LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA-
UEL/DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CX. POSTAL 6001
CAMPUS UNIVERSITÁRIO
LONDRINA-PR
86051-970